

longe dos olhos,
perto do coração
jenny colgan

Tradução de Neuza da Silva Faustino

A todos aqueles que têm o seu cartão de dador de órgãos

Há dois professores na escola
Um com uma voz baixa e gentil
Que aos alunos sorri, enquanto
Dá passos suaves na sala.
Chama-se Amor: é muito simples
E afasta a professora Dor.

Assim por vezes penso: e outras
Ambos se encontram e se beijam
E em tanto se assemelham, que eu
Fico intrigada e sem saber
Qual a mudança que os faz ser
Indestrinçáveis — Dor ou Amor.

(Excerto retirado de Susan Coolidge, «Na Escola»,
in O Que a Katy Fez)

PARTE UM



CAPÍTULO UM

Tudo aquilo deveria ter começado com corvos escuros e ominosos; grandes murmúrios e adejar de asas; maus presságios a elevarem-se aos céus; nuvens pesadas de tempestade a rolarem em posição; os relógios a darem treze badaladas.

Na verdade, aquilo começou com uma discussão pouco dignificante com uma velha senhora, por causa de uma tablete de chocolate:

— Tem aí uma tablete de chocolate de leite, na sua mão!

A senhora Marks olhava para ela do seu sofá de couro castanho desbotado, pesada e carrancuda.

— Não tenho nada!

— Aí, atrás das costas!

Como uma criança pequena, a senhora Marks recusava-se a mostrar a mão, limitando-se a abanar a cabeça, rebelde.

A Lissa Westcott pousou o equipamento médico que tentava arrumar e caminhou de novo para o centro da sala. Estava exasperada.

— Pensou que me tinha ido embora, não pensou? Achou que eu tivesse saído e resolveu pegar no chocolate de leite às escondidas!

A senhora Marks olhou-a fixamente com os seus olhinhos arredondados.

— Mas quem julga que é? A polícia das guloseimas?

— Não. Sim! — disse a Lissa, já em desespero. Estendeu a mão.

A senhora Marks acabou por lhe entregar o chocolate. E era, na verdade, uma tablete da *Bournville*.

— Ah! — exclamou a senhora Marks.

A Lissa olhou para ela.

A velha senhora Marks vivia no décimo quarto andar de uma torre de apartamentos situada em South London e onde os elevadores se encontravam frequentemente avariados. O pé dela estava a ceder cada vez mais à diabetes e a Lissa fazia absolutamente o seu melhor para o salvar. Olhou pela janela daquela sala mofenta e desarrumada, ornada de flores artificiais e poeirentas, e dirigiu a atenção para a beleza da vista sobre o rio a norte: as torres grandes da cidade cintilavam à luz do dia, irradiando, belas, a limpeza e a fortuna, qual variedade opulenta de palácios luzidios, inalcançáveis por completo, embora a escassos três quilómetros de distância.

— Ainda agora estivemos a falar na sua dieta durante uns vinte minutos! — disse à pobre mulher, que vivia praticamente fechada e gozava apenas das visitas da filha. Ver *EastEnders* na televisão enquanto apreciava uma tablete de chocolate era um dos muito poucos prazeres que lhe restavam, contudo tratava-se de um que não lhe fazia bem.

— Não quero chegar aqui um dia e encontrá-la em estado de coma — disse-lhe ainda a Lissa num tom o mais severo que ousava. A senhora Marks riu-se, simplesmente.

— Ah, não se preocupe comigo, fofa. O que será, será!

— Não é assim que funcionam os cuidados com a saúde! — disse a Lissa, olhando de soslaio para o relógio de pulso. Tinha de estar em Peckham em vinte minutos. Conduzir pelas ruas de Londres era uma absoluta loucura, mas não lhe restava outra alternativa: não podia transportar medicamentos no metro.

A Lissa era uma enfermeira estagiária. Ela seguia as altas hospitalares ao domicílio, cuidava dos pacientes que tinham dificuldade em chegar aos devidos departamentos externos na esperança de não se tornarem internos reincidentes. Ou, como costumava dizer nos seus momentos cínicos, ela fazia metade do que as enfermeiras comunitárias faziam quando ainda havia orçamento para tal e metade do que os médicos de clínica geral costumavam fazer, quando ainda era possível engodá-los a deixarem os seus gabinetes. Formada originalmente para ser uma enfermeira dos serviços de urgência, ela, contudo, adorava o seu trabalho — que envolvia menos bêbedos a vomitarem-lhe em cima do que os casos de sinistralidade — e apreciava em particular aqueles momentos envolventes em que recebia um pedaço de chocolate.

No caso específico da senhora Marks, as expectativas dela não eram elevadas.

— Você também não é propriamente um modelo — comentou a senhora Marks.

— Já parece a minha mãe a falar — disse, queixosa, a Lissa, que herdara as curvas voluptuosas da parte materna, para desapontamento dos pais, ora verbalizado, ora silente.

— Leve então o chocolate — resmungou a senhora Marks. A Lissa fez cara de quem desaprova a ideia.

— Odeio chocolate preto — acabou por dizer, mas pegou nele.

— Por favor, por favor — tornou a pedir à senhora Marks. — Seria muito triste se voltasse a ser internada. Podiam ter de amputar-lhe o pé. Estou a falar a sério.

Em resposta, a senhora Marks suspirou e fez um gesto a abranger a *suite* inteira de três assoalhadas em tons castanhos. A Lissa levou a mão a todas as almofadas que ali havia e encontrou uma tablete de chocolate atrás de cada uma delas.

— Tenciono doá-las a um banco alimentar — explicou. — Quer que lhe dê dinheiro por elas?

A senhora Marks acenou com a mão no sentido de afastar a ideia.

— Não — disse ela. — Mas se eu tiver de voltar de novo para aquele lugar, a culpa é sua.

— Combinado — assentiu a Lissa.



O ar estava fresco para início de março, foi o que a Lissa sentiu ao abandonar o edifício. O sol brilhava, contudo, mesmo que por detrás de uma leve nuvem de fumo citadino, e ela pressentiu ainda assim a chegada da primavera, algures no horizonte. Rezou, como sempre fazia, por que ninguém tivesse reparado no autocolante no carro próprio ao pessoal médico e tentado entrar nele à força, a fim de retirar quaisquer medicamentos que ela pudesse ter guardado no interior. Ainda teve tempo de contemplar o novo sítio para churrasco do tipo coreano, onde mais tarde tencionava encontrar-se com amigos. Vira as imagens no *Instagram* e parecera-lhe um lugar interessante, porém não tinha de ser necessariamente assim: por vezes dava-se o oposto, quando lá dentro se encontrava uma enchente de pessoas a fotografarem comida a esfriar no prato.

Reparou em alguns rapazes a vaguearem, a passarem o seu tempo na escadaria, o que não era algo de pouco usual. Com alguns adolescentes era difícil de calcular se tinham idade para estarem ainda na escola ou não: eles agora cresciam tão rapidamente. O melhor que tinha a fazer era baixar a cabeça, esconder as madeixas encaracoladas do seu cabelo numa trança bem apertada ou atá-las com um lenço e passar despercebida por eles. Sentiu-se de repente feliz pelas calças verdes e simples que vestira, as quais usava como sendo parte do seu uniforme de enfermagem, o que a tornava praticamente invisível.

De uma ou de outra forma, aqueles rapazes não estavam interessados nela: discutiam uns com os outros. Atiravam com as típicas saídas adolescentes, exibindo-se, inchando o peito como pavões. E eram uma mistura de culturas, de barbas minúsculas e bigodinhos, de pernas magrelas e cotovelos demasiado pontiagudos, do forte odor a *Lynx Africa* e enormes sapatilhas do tamanho de barcaças. Chegava a ser tocante observá-los a fazer de conta que sabiam ser homens, mas também podia ser intimidante, e ela estava prestes a empreender um desvio significativo, quando reconheceu um deles. O que a fez soltar um gemido. Era um dos primos do Ezra. O belo Ezra, cuja figura esbelta e rosto encantador o tornavam irresistível sempre que ele lhe enviava uma mensagem por telemóvel. Infelizmente, o Ezra tinha consciência disso, pelo que se sentia no obséquio de se fazer sentir por toda a South London. De cada vez que ele decidia ser fantasmagórico, a Lissa jurava a si mesma nunca mais cair nas malhas dele. E era tão boa a manter o juramento para consigo mesma, como o era em evitar comer o chocolate restante da senhora Marks.

Porém, um dia conhecera o Kai — acidentalmente. O Ezra jamais a apresentara aos outros membros da família — e tinham encontrado o Kai numa bela manhã, quando faziam compras no mercado de rua Brixton Market para o pequeno-almoço. O rapaz era um *teenager* de 15 anos, inteligente e tagarela, e devia estar mesmo na escola, pensou a Lissa. Contudo, não tencionava falar-lhe nisso.

— Kai! — levantou a mão.

Nesse mesmo instante, o rapaz voltou-se e encarou-a, a boca aberta já a iniciar um amplo sorriso, à medida que a reconhecia, e então, do nada, naquela manhã fresca de primavera, houve o rasgão do som repentino e horrendo de um motor a travar, um brilho inesperado a traspassar o céu, porque algo fora atirado e caiu com estrondo, e houve um resfolegar arrastado e um rugir de causar aflição.

CAPÍTULO DOIS

Aoitocentos quilómetros de distância norte a noroeste, na pequena vila de Kirrinfief, nas margens do lago Ness, um vento frio soprava das águas, agitando as cristas brancas das pequenas ondas e as nuvens suspendiam-se, pesadas, do topo das montanhas de cor violeta.

Cormac MacPherson, o enfermeiro comunitário, consultou o relógio de pulso. A Joan, a médica de clínica geral, estivera do outro lado do paul a tratar o que se chama uma hérnia do hiato. Presumivelmente num ser humano, se bem que com a Joan nunca se tivesse a certeza. Raramente se deslocava para onde quer que fosse sem ser rodeada por uma matilha de *fox terriers* desgrehados e envoltos numa nuvem de poeira. E, portanto, o Jake, o condutor da ambulância local, tinha-o impelido a ajudar num caso de recusa de recuperação cardiopulmonar de uma senhora muito idosa. O Jake sabia que o Cormac era incapaz de dizer não a alguém em sofrimento e costumava tirar vastas vantagens da sua natureza branda. Eles tinham-se sentado junto da família da velha senhora, assegurado que a Edie estivesse tão confortável quanto possível até ao fim na sua casa de campo pequena e na cama da sua infância, onde nascera há noventa anos. Da maneira como estas situações são, não correu mal.

Agora dirigiam-se a um local onde ambos pudessem saborear uma imperial merecida.

— Não é uma maneira má de se partir — comentou o Jake em jeito

filosófico, enquanto desciam a rua de paralelepípedos, o ar fresco a soprar-lhes no rosto.

— Hum — emitiu o Cormac, dando uma olhadela ao seu telemóvel.

— A Emer outra vez? — O Jake espreitou de soslaio.

— Oh, que maçada, ela veio até minha casa e fez um jantar de surpresa.

— Isso é horrível.

— Não é horrível — protestou o Cormac, mas fracamente. — É gentil.

— Ela deve saber que estás sempre fora a atender aos chamados da população.

— Disse-lhe que hoje estava de folga.

— Pois bem — disse o Jake, sem parecer minimamente constrangido. — Já agora, tomávamos ainda uma cerveja.

O Cormac consultou o seu relógio de pulso e abanou a cabeça, no mesmo instante em que se abriu uma porta de um dos terraços da fileira de casas (as salas de estar abriam diretamente para a estrada) pela qual passavam.

— Jake! Cormac! — chamou-os uma voz suave. — Não era minha intenção...

— ...importunar o médico — terminou o Jake a frase. — Já sabemos!

CAPÍTULO TRÊS

O brilho de algo a atravessar o céu. Uma cacofonia incrível de diversos sons.

Ela apenas tivera um breve vislumbre, pelo canto do olho, enquanto observara os rapazes, a sondar as redondezas com aquele sentido citadino inato para o haver ou não perigo e da possibilidade ou não de escalar — a Lissa tinha uma antena interior para detetar problemas, tendo varrido os efeitos de tantos deles — quando ouviu o ruído do que parecia ser um carro a arrancar.

Primeiro ignorara-o, mas depois tomara consciência de que, em vez de abrandar na curva para entrar na propriedade, o automóvel tinha acelerado. Instintivamente, voltara-se para onde se encontrava o carro dela, para se certificar de que o outro não iria colidir com ele e, nesse instante, ouvira o chiar estridente de pneus e o motor uivante, quando o veículo subira o passeio — subira deliberadamente o passeio —, e então ela viu... e a única coisa que viu foi o brilho metálico de um telefone a subir pelo ar, a rodopiar, a refletir a luz do dia, quase belo, em câmara lenta...

E, de seguida, tudo se deu tão rapidamente e houve um torcer e retorcer-se de uma forma hedionda; um som de batida oco, horrendo, húmido e alto, a reverberar ao redor da sua cabeça; algo de impensável a seguir o trajeto do telefone, o chiar dos pneus do carro, ainda em andamento, ainda vívido, e o barulho ainda mais alto de estalidos, quando o impensável embateu contra o asfalto e ali ficou, torcido e infortunado. A Lissa não podia acreditar no que

olhava — não podia ser, não podia absolutamente ser o Kai —, e ela ergueu o rosto e deu consigo a encarar diretamente o condutor, que acelerava o motor do seu automóvel, enquanto a boca se retraía numa espécie de rosnido, um olhar malicioso de lado, ou outra coisa — outra coisa, pensou a Lissa, que, com toda a incompreensão, com todo o pânico sentido, não conseguia decodificar, nada mesmo, enquanto distinguia algo como «ficar longe de Leaf Field» — e então o carro que acelerava desapareceu.



Houve um momento de silêncio, depois principiaram os gritos — de descrédito, de fúria — e, num repente, a Lissa deu por si a entrar em ação, o treino, a formação dela a impeli-la, a empurrá-la para a frente.

— Sou enfermeira. Por favor, saiam da frente. Eu posso ajudar.

Ela já esperara ter de abrir caminho, mas os outros jovens começaram a gritar, à medida que se iam erguendo num repente, a berrarem que nem loucos e a correrem atrás do automóvel.

— Liguem à emergência médica! — disse a Lissa, ao ajoelhar-se a fim de examinar o Kai, enquanto retirava o telemóvel do bolso. Não fazia ideia se os rapazes seriam capazes de apanhar o carro, ao mesmo tempo que temia que de novo um deles fosse atropelado, uma vez que havia apenas uma saída da propriedade, portanto, a dada altura ter-se-iam de cruzar, mas ela não podia pensar nisto agora, tinha de priorizar.

Olhou para a figura caída sobre o passeio, a cabeça jazia de lado sobre a pedra, pontas de cigarros a entupirem a sarjeta.



— Ouves-me? Consegues ouvir-me, querido?

Era belo. Tão jovem que era. A Lissa não podia evitar de constatá-lo. Não é que tivesse importância, claro que não tinha. Nada tinha a ver com isso. Mas debruçava-se sobre ele, tentando desesperadamente salvá-lo, até que por fim, finalmente, ouviu o som das sirenes por que tanto ansiava. Não se conformava com a paragem de um coração tão jovem, de tão perfeita beleza da pele macia, da curva do pescoço, da cor escura do cabelo. Era quase uma criança. Não suportava nem pensar como a família dele iria reagir. Praguejou: a sua melhor amiga tinha apagado o número do Ezra do telemóvel, porque seria melhor para ela, então nem sequer podia telefonar-lhe.

Os paramédicos chegaram, mas ela não parou de tentar reanimá-lo. Continuou a exercer pressão sobre o peito jovem com a parte inferior das mãos, e eles juntaram-se a ela, a monitorizarem o oxigénio, a prepararem a adrenalina para a injetarem no coração. Conhecia os paramédicos: confiavam nela e levaram-na consigo para o hospital, o Ashkan a trabalhar com ela, o Kerry a conduzir como um danado, a sirene de luz azul a gritar acima do ruído do trânsito. A Londres atolada, difícil de controlar, as ruas a transbordarem de gente, de veículos, de camiões e carrinhas, de táxis e motorizadas, tudo num aglomerado tão apertado, que mal conseguiam desviar-se para deixar passar uma ambulância.

O corpo contorceu-se de repente, ejetou-se, arqueando-se, no momento em que o Ashkan gritava «Agora!», e a Lissa deu um salto para trás, instintivamente, olhando o corpo a contorcer-se, e veio-lhe à ideia se a mulher-polícia que estivera no local do crime já teria descoberto quem ele era e iniciado o processo insuportável de contactar os seus familiares.

A Lissa deixou que o treino e a formação que tinha tomassem completamente o controlo. Ela não iria permitir que pensamentos como aquele a dominassem, e, automaticamente, tornou a colocar a máscara de oxigénio sobre os lábios do rapaz, que continuavam azulados, injetou nova dose de adrenalina e, na parte superior do braço, fez entrar mais meio litro de sangue. Todos eles ansiavam desesperadamente que ele se aguentasse até chegarem ao hospital. Nenhum deles falava além do estritamente necessário na tentativa de o reanimarem e de introduzirem mais sangue para dentro dele do que a quantidade que se lhe esvaía.

Uma tentativa de reanimação significa, mesmo com um equipamento mundialmente avançado e atual, na maioria das vezes o fracasso. Vê-se muitas vezes o milagre de pessoas a regressarem dos mortos, na televisão, mas não se observa o sangue a ser bombeado para as veias na mesma quantidade em que está a evadir-se, a falta de resposta das pupilas a cada verificação, a estimulação artificial e o contorcer-se do corpo jovem, as ordens ladradas e a atenção constante voltada para ver se a respiração se torna de novo independente, enfim, o caos quente de toda a ação. A ambulância zigzagueava e uivava pelas ruas de Londres, repletas àquela hora de ponta, mais uma entre tantas sirenes a sinalizarem presença, sob os helicópteros, no meio de despachos, ligaduras, dor e sangue.

— Entretanto, os médicos vão declarar a morte — previu o Ashkan, olhando rapidamente para o relógio de pulso.

— Tu não podes — disse-lhe a Lissa.

O Ashkan praguejou. A inutilidade de tudo. Um atropelamento e uma fuga que pareciam premeditados. Contra uma criança. Voltou o rosto e sintonizou o rádio para a estação policial, por uns instantes, depois até esboçou um sorriso.

— Apanharam-no — disse num tom de satisfação sombria. — Os outros rapazes saltaram para cima do carro e não o deixaram avançar. Partiram os vidros. Deve ter parecido um ataque de zombies.

A Lissa não prestava atenção.

— Continua — falou a Lissa com ferocidade, redobrando os seus esforços, sibilando para o interior do ouvido do rapaz. — Mais sangue! Agora! Anda lá, Kai! Acorda! ACORDA!



Chegaram ao Guy's Hospital, onde as portas da ambulância foram abertas de rompão sem qualquer cerimónia e dois maqueiros e um médico do serviço de urgências saltaram lá para dentro.

— Saia da frente — disse o jovem médico, que tinha ar de miúdo.

— Ainda não terminei aqui — respondeu a Lissa com determinação, enquanto continuava a manejar a máscara de oxigénio, a verificar com uma luzinha os olhos do Kai, a medir-lhe o pulso.

— Terminou sim — disse-lhe o médico. — Deixe-me observá-lo.

— Eu consigo fazer isto! — insistiu a Lissa. O rosto dele. O belo rosto dele. Era uma criança, uma criança adormecida; ainda quente — ou seria resultado dos esforços deles? —, ainda dormia, sonhava, esquecendo-se dos seus trabalhos de casa, desejando ser futebolista ou cantor de *rock*.

— Saia da frente!

— EU CONSIGO FAZER ISTO!

A Lissa não tinha consciência de que gritara, de que todos pararam para olhá-la, e então o Ashkan empurrou-a suavemente para o lado, o semblante a carregar-se de preocupação. O jovem médico colocava-se já no lugar dele, optando por ignorá-la.

— Saia da frente.

— Eu apenas...

Era inédito desafiar um médico daquela maneira, mesmo que este apresentasse um bigode semelhante a um traço desenhado a caneta preta naquela manhã.

— Saia da frente!

Mas ela não podia fazê-lo. Ela apenas podia ficar exatamente onde se encontrava, como se não soubesse em que lugar estava e com os braços a estenderem-se de forma inútil, enquanto murmurava «Kai... Kai...», para o ar rarefeito, a acreditar ainda, fervorosamente, mesmo com o médico a consultar o seu relógio de pulso e a abanar a cabeça, mesmo quando o sangue já não pingava para o chão, pronto a espalhar-se para coagular. O único fio que o ligava à vida era ela.

— Eu posso tentar... apenas mais esta vez...

— Tirem-na daqui — balbuciou o jovem médico, enquanto os maqueiros tentavam colocar o corpo de forma a transportá-lo. Surgiram vários outros paramédicos; a Lissa deu-se conta da presença deles, apesar de estar sob choque.

— Está aqui algum parente próximo? — gritou um deles, e a Lissa observava com horror o trabalho tenso e impessoal da equipa de transplante.

— Ele ainda não morreu, seus *abutres* — deu consigo a gritar, e então o Ashkan teve de intervir a sério, teve de segurá-la e levá-la para o exterior da ambulância, enquanto ela praguejava e se opunha. — Ele ainda não...

— Dou a nossa parte por terminada — disse o médico. — Levem-no para a unidade de alta dependência.

Era a área onde mantinham os pacientes de transplante numa espécie de limbo entre a vida e a morte, mantendo-os vivos apenas o tempo suficiente até à obtenção das assinaturas necessárias; a fim de se pedir e implorar que uma vida tomada em vão não tenha sido completamente em vão.

— São 15h38 — disse o médico. — Podemos levá-lo para a unidade rapidamente?

E a voz dele sou tão, tão abatida.

— Um caso de atropelamento e fuga.

A Lissa colapsou sobre o passeio e desfez-se em choro, soluços profundos e torturantes. Era uma profissional: há quatro anos que trabalhava naquilo, vira acidentes em estradas, assassinatos, tudo de mais horrível que pudesse haver.

Mas aquele era um menino que ela conhecia, cujo nome era Kai, e o caso quebrara-a por dentro, às dezoito e trinta, numa terça-feira totalmente normal.

CAPÍTULO QUATRO

O Ashkan tentou de novo movê-la dali.
— Companheira — disse-lhe baixinho, sob a respiração. —
Companheira, tens de sair daqui. Não tarda nada estão a levar-te para o quarto dos malucos.

Não havia muitas palavras gentis entre o pessoal do Serviço Hospitalar de Londres quando se tratava da saúde ocupacional e da unidade para o bem-estar e a terapia da mente. Quanto aos paramédicos, tratava-se de um bando de foras da lei: piratas que gritavam pelas ruas da cidade na sua missão de salvarem vidas. Assim que se comece a moldar os lábios nesse sentido, como qualquer sujeito maçador o faria, enfim. Qual é o sentido de ti? Alguém tinha de arrancar as pessoas do chão; alguém tinha de esperar do outro lado da linha. Quem começasse a chorar, a precisar de terapia ou que lhe passassem a mão pelo cabelo, tornava-se inútil. Ninguém podia negar que se tratava de uma tarefa árdua. Era assim mesmo. Numa equipa de paramédicos havia que poder contar com o outro, se não nada feito.

A Lissa estava com dificuldade até em erguer-se, quando a chuva — que começara quando? — descia já pelo interior do colarinho do casaco verde e pesado dela.

— Está tudo bem? — perguntou o Dev, o supervisor da unidade, após vir para junto deles; os óculos sobre a cabeça redonda e careca costumavam oscilar ao pescoço dele, num dos bolsos ou onde quer que fosse possível encontrá-los rapidamente, assim que necessitasse deles.

— Tudo bem! — disse o Ashkan em tom despreocupado. A Lissa tinha consciência da presença deles, do facto de estarem ali, porém não conseguia concentrar-se, focar-se no que lhe inquiriam, no porquê de se encontrar ali, sentada no passeio molhado. Era como se o seu corpo não lhe pertencesse, como se estivesse noutra lugar e tudo estivesse a acontecer sem ela, como se a pessoa sentada no passeio molhado não fosse ela.

O Dev parecia preocupado.

— Lissa? Esteve presente no local de atropelamento e fuga?

— Ela conhecia o rapaz — explicou o Ashkan. — Que porra de sorte. Está um bocado em choque.

A Lissa sentia-se incapaz de sequer acenar com a cabeça em resposta. A polícia levou-a para prestar declarações, e assim o fez, sem estar consciente do que lhes dizia. O Ashkan esperou por ela, apesar de o turno dele já ter terminado.

— Vem daí — disse-lhe. — Vamos encher-te de um bom chá.

Ele empurrou-a na direção da cantina e a Lissa permitiu-o, como se as pernas dela não tivessem qualquer força própria, como se não lhe pertencessem.

A cantina situava-se no rés do chão e estava sossegada, àquela hora da noite. Havia médicos de serviço a deitarem de vez em quando um olho aos seus telemóveis e *paggers*. Um pobre homem adormecera ao lado de uma planta num vaso, a cabeça encostada desconfortavelmente a um biombo de vime. Encontrava-se ali também um grupo de maqueiros a jogarem às cartas e alguns familiares nervosos dos pacientes que tinham dado entrada no serviço de urgências e que exibiam ares de quem não tem a certeza de estar no lugar certo. O pessoal do serviço de *catering* já tinha terminado o seu dia de trabalho: já só havia máquinas de venda automática e um café servido hediondamente em copos de plástico, as colheres para o mexer também de plástico. O Ashkan trouxe de lá dois chás e entregou ambos à Lissa, bebendo da sua própria garrafa o sumo de vegetais que ele triturara para si. Levava muito a sério a sua saúde e, por norma, ia diretamente para o ginásio, depois de terminado o seu turno. A Lissa costumava brincar com ele acerca de quão vaidoso ele era — gastava mais tempo no seu penteado *quiff* do que ela a realçar as espirais dos seus caracóis, que tendiam a ficar crespos e frisados com o tempo húmido ou a chuva, pelo que habitualmente ela os mantinha afastados do rosto, apertando-os num rabo de cavalo. Além disso, quanto menos realçava nela fisicamente, menos as pessoas mentalmente débeis que por vezes apareciam na unidade dos serviços de urgência implicavam com ela.

A Lissa tomou o chá e sentiu os dedos queimarem sobre o plástico fino

e quente — o Ashkan opunha-se definitivamente ao uso único do plástico, portanto, ao trazer-lhe dois copos com chá demonstrava estar deveras preocupado com ela. Compreendia tudo — mais ou menos —, porém de muito, muito longe. Percebia a preocupação dele, mas não conseguia importar-se com isso. Nem com o que fosse. Porque aquele rapaz tinha morrido, nada mais tinha importância e ela própria sentia-se meio morta.

A luz das lâmpadas longas e fluorescentes caía sobre ela como uma espécie de purgatório. As janelas polvilhadas pela chuva nada mais refletiam do que os dois, ali sentados. Por momentos a Lissa pensou se não teriam todos morrido naquela ambulância. A atenção dela voltou-se para a porta, pela qual entrou uma mulher curvada, o rosto dela a perscrutar ansiosamente todas as pessoas presentes naquela sala. Quando viu a Lissa, pestanejou. Não seria muito mais velha do que a Lissa, ainda estaria na casa dos trinta. Porém a expressão dela ao aproximar-se da mesa, onde eles se encontravam, parecia a de alguém que vivera já milhares de vidas.

CAPÍTULO CINCO

A mulher apertava o impermeável ao redor do corpo, estremecendo de frio devido ao vento gélido, a chuva a cair em bátegas fortes, tocada àquela ventania sul.

— Ui! Olá, Cormac.

— Olá também, senhora Coudrie.

Houve uma pausa.

— Será que podia...? Eu não queria incomodar o doutor.

O Cormac voltou-se para o Jake.

— Podes ir — disse-lhe. — Depois vou para casa sozinho.

O Jake fez um esgar.

— É a pequena Islay?

A mulher fez um breve aceno de cabeça.

— Está bem, eu vou contigo — disse-lhe o Jake com a voz resignada de um homem que sabe que o sonho de uma imperial espumante no final do dia e a possibilidade de um *flirt* rápido com a Ginty McGhie se tinham desvanecido, decerto para sempre.

CAPÍTULO SEIS

A Lissa levantou os olhos para o rosto da mulher estranha. As feições dela contraíam-se de dor.
— Desculpe — falou.

Era como se falasse de muito longe. A Lissa conseguiu pestanejar.

— Sim?

— Eu sou... Eu sou a mãe do Kai Mitchell...

Disse-o de uma maneira tão titubeante, como se não tivesse a certeza de sê-lo ou não, ou se ainda poderia descrever-se como tal. Talvez, pensou a Lissa consigo, já não fosse mais mãe. Talvez fosse a tia do Ezra.

O Ashkan levantou-se de um salto e ofereceu-lhe uma cadeira.

— Não — disse num tom grave. — Não, obrigada. Não desejo sentar-me. Olhou ao redor da cafeteria clinicamente estéril.

— Não vou demorar.

O Ashkan inclinou-se para diante.

— Lamento muito a sua perda.

Ela levantou uma mão.

— Eu não lamento. Eu estou furiosa.

A Lissa acenou a cabeça. Algo a movia por dentro.

— Eu também — respondeu. O Ashkan lançou-lhe um olhar de alerta que ela ignorou. Em vez disso, ergueu-se da cadeira.

— Eu também estou furiosa.

— Apenas quero saber — disse a mulher. Atrás dela, junto à porta, um pequeno aglomerado de pessoas receosas e tristes, provavelmente amigos e família. Lá fora, a Lissa calculava-o, haveria câmaras e jornalistas: os *media*, desesperados por poderem tecer mais uma grande reportagem sobre a morte.

Ali, no interior da sala agora em silêncio, encontrava-se apenas uma mãe desolada.

— Tem pessoas que a apoiem? — perguntou o Ashkan a olhar por cima do ombro dela. — Não ficará sozinha?

— Não, não fico — respondeu-lhe a mulher. — Estavam com ele?

O Ashkan fez um gesto na direção da Lissa. — Ela estava e foi quem mais fez por ele.

— Não fiz o suficiente — disse a Lissa monocórdica. Se ela tivesse sido mais corajosa... se tivesse dado conta da velocidade do carro, prestado atenção ao grito de aviso... Se tivesse estado atenta...

— É preciso que entenda — disse o Ashkan, porque nestes assuntos delicados é preciso ter todo o cuidado, os advogados estão por todo o lado, como corvos de carniça — que nós fizemos tudo o que podíamos. Nós tentámos...

Porém a mulher não o ouvia. Deu um passo em frente e tomou as mãos frias da Lissa nas suas.

— Você segurou na mão dele?

A Lissa fez que sim com a cabeça.

— Nós tentámos — disse a Lissa. E, de repente, ambas as mulheres choravam nos braços uma da outra, segurando-se com força. O Ashkan tomou uma expressão de infelicidade. Aquele não era um comportamento apropriado, nada mesmo. Não tinha, contudo, a certeza do que deveria fazer.

— Lamento tanto — soluçava a Lissa.

— Ele disse alguma coisa?

A Lissa queria desesperadamente dizer àquela mulher que ele falara nela ou que pedira que lhe transmitissem o seu amor. Mas não podia.

— Ele... ele já estava tão mal — falou-lhe. A mulher fez um aceno de cabeça.

— Pois então — disse a mulher —, fico feliz por... pelo menos alguém ter estado junto dele.

A Lissa anuiu, desejando tanto que pudesse ajudar mais.

— Todas aquelas pessoas ali, a gritarem-me — falou a mulher, parecendo confusa. — Sabe que querem cortá-lo? Gritavam-me! Para poderem cortá-lo! Para cortarem o corpo do meu filho! Antes ainda de ter arrefecido! Para cortarem pedaços dele!

O Ashkan soltou um gemido. O pessoal do transplante estava sempre tão desesperado, tão determinado, e se o Kai tinha os órgãos bons, ah, a diferença que poderiam fazer em relação a outras pessoas.

A Lissa parecia ter voltado um pouco a si, naquela altura, e endireitou-se.
— O que foi que disse? — perguntou.

CAPÍTULO SETE

A casa de campo era quase em tudo idêntica àquela que tinham acabado de deixar, mas esta estava mobilada sobriamente, num estilo moderno, com uma salamandra a queimar lenha e com impressões grandes, a preto e branco, de desenhos infantis na parede.

— Olá, querida Islay — disse o Cormac, alegremente. — Por que ainda não estás a dormir?

A adolescente estava na cama, triste e com a respiração pesada. Ainda assim, tentou um sorriso amplo, forçado, para o Cormac, e lançou um olhar ligeiramente sedutor ao Jake, que por norma era bem-sucedido junto das senhoras.

— Ah, já tiveste melhor aspeto — disse-lhe o Cormac, tentando desvalorizar o caso. A rapariga sofria de uma cardiomiopatia severa e parecia nada haver que a fizesse melhorar. A última descoberta da ciência, o *pacemaker*, também estava a falhar, no caso dela.

— Pensei que talvez fosse boa ideia interná-la — disse a mãe. Aquela família conhecia extremamente bem o hospital de Inverness.

— Bem, vamos cá auscultar — falou o Cormac e retirou o estetoscópio da maleta. — Os betabloqueadores não estão a funcionar em ti, Islay?

A tentar ser solícita, a rapariga abanou a cabeça por um segundo. Quão habituada e quão cansada estava das invasões constantes, das perguntas constantes. Tinha um aspeto tão exausto. O Cormac sentiu uma pontada no

próprio coração. Deixara o exército para fugir dos muitos casos traumáticos, mas este era particularmente difícil para ele. O Jake mediu-lhe a pressão arterial e franziu as sobrancelhas.

— Então? — perguntou a senhora Coudrie.

— Vou falar com a Joan — disse o Jake. — Este... — ele escreveu o número num pedaço de papel, porém a Elspeth Coudrie já o sabia de cor —, é para quando houver uma emergência. Mas, por ora, vamos ver o que a Joan ainda tem no seu arsenal.

O Cormac deu algumas palmadas carinhosas na mão da Islay. — Sei bem que queres ficar acordada toda a noite para veres a série *Mr. Drake* na televisão.

A Islay revirou os olhos.

— É *Drake* — falou num fino arquejo —, não *Mr. Drake*. E eu nem gosto dele.

— Isso é bom — assentiu o Cormac. — Ele é demasiado velho para ti.

A Islay tentou sorrir.

— Mas o melhor que podias fazer agora — disse-lhe o Cormac — era dormires um pouco.

O que não era verdade. O melhor — rapidamente a tornar-se na única coisa — que ela poderia fazer era receber um transplante do coração. Se fosse assim tão simples quanto dizê-lo, seria o melhor a fazer-se.

— Imagine — falou a senhora Coudrie, à medida que a Islay tentava compor-se na cama. — Imagine esperar-se pela morte de uma outra criança. Imagine ter-se a esperança de que tal aconteça.



— Eu não sei — disse a mãe do Kai, a voz a tornar-se histérica. — Todos gritavam. E eu que só queria ver o meu menino. O meu menino! E eles a quererem cortá-lo.

A Lissa tomou a mão da mulher nas dela.

— Disse-lhes que não? — perguntou num tom suave.

— Eu nem sabia o que estava a dizer! — falou a mulher, erguendo o rosto para ela. — Sim, penso que terei dito que não.

— Sabe — indagou a Lissa com a voz mais branda possível e com toda a calma, como quem tenta apaziguar uma criança. — Sabe o que seria a coisa mais maravilhosa que poderia fazer pelo Kai e o Kai poderia fazer pelo mundo?

— Mas eles querem cortá-lo aos pedaços! O meu menino! O meu menino tão belo!

— Ele estaria a dar a sua vida por outros — disse a Lissa —, o que... o que é igualmente belo.

A mulher tocou gentilmente num crucifixo que trazia ao pescoço.

— Ele podia salvar uma vida — repetiu a Lissa.

— Mas, o meu menino tão lindo...

— Seria um herói. Um herói além de todos os heróis. Para sempre.

As lágrimas não paravam de cair. A senhora Mitchell deu um passo atrás.

— É tarde de mais para dizer sim? — perguntou.

A Lissa abanou a cabeça, apesar de não ter a certeza, apesar da possibilidade de ser demasiado tarde.

— Venha comigo, por favor — falou. — Por favor. Pode acompanhar-me? Rapidamente?

E juntas correram de volta pelos longos corredores, como se tivessem o diabo no seu encaço, a Lissa aterrorizada com a perspectiva de não chegarem a tempo, de já terem desligado as máquinas, de terem partido, todo o esforço deles tragicamente em vão.

Chegaram finalmente à unidade de alta dependência, ofegantes e aterrorizadas. Graças a Deus, graças a Deus, graças a Deus por todos aqueles que permitem serem cortados, era somente nisso que a Lissa conseguia pensar, naquele momento. O pessoal fizera um intervalo: o turno seguinte viria remover os tubos e maquilhar o corpo, mas ainda não tinham chegado — e ali estava o rapaz, portanto, ainda conectado.

Ambas ficaram estarecidas. A mãe do Kai emitiu um som, um som de um animal, como se tudo estivesse de novo a acontecer.

— Você consegue — disse-lhe a Lissa. — Você consegue.

A mulher destacada para o serviço de transplante fora chamada com um sinal sonoro e ela veio com passo firme e ruidoso pelo corredor fora, a confusão no rosto dela a transformar-se de repente numa expressão semelhante a esperança.

— Senhora Mitchell?

A mulher respondeu com um aceno breve de cabeça. Ela tinha-se sentado novamente na cama e acariciava o corpo belo, ainda quente, do filho.

— Ela fez-me voltar.

— Não fiz nada! — disse a Lissa. E, ao olhar para o rapaz, tão próximo de estar apenas adormecido, tão próximo que levava a repensar se haveria de ser cortado, aos pedaços, selecionados alguns para reutilização.

— Dê-me o papel para assinar — disse a senhora Mitchell. — Rápido, por favor, porque eu não quero mudar de ideias outra vez.

A enfermeira levou o documento até ela.

— Deve compreender que...

— É vinculativo. Sim, eu sei. Eu pedi que fosse rápido!

— Não — disse a enfermeira do serviço de transplante, endireitando-se.

— Apenas quero que entenda que a sua decisão é da mais corajosa que há, que é do mais belo que se pode fazer.

A senhora Mitchell olhou-a fixamente, a boca aberta.

— Você fala-me — disse-lhe — como quem quer que eu me sinta *agrada-*
dada.